

Entrevista: Zaida Muxí, Josep Maria Montaner e Núria Parlon*

São Paulo, 16 de abril de 2016 – Hotel Tryp – Higienópolis

Entrevistadores:

Profa. Ms. Renata Coradin, Prof. Dr. Sérgio Abrahão e Prof. Dr. Antonio Soukef Júnior**

Tradução:

Profa. Ms. Renata Coradin

InSitu: Temos lido na imprensa que sua publicação: *A Condição Contemporânea da Arquitetura*, é fruto de uma necessidade de complementar a última parte do seu livro: *Depois do Movimento Moderno*. Por que *A Condição Contemporânea da Arquitetura* e não *A Condição da Arquitetura Contemporânea*?

J.M. Montaner: Logicamente posso argumentar, mas o título foi sendo mudado e acabou sendo colocado pela editora. Por exemplo, eu queria colocar 1990 – 2015 e não quiseram. A ideia era que *Depois do Movimento Moderno* acabava nos anos 1990, que saiu em 1993. Foi um livro muito utilizado, traduzido ao italiano, então na ocasião da tradução ao grego, claro, pois era curioso que fosse traduzido ao grego agora em 2004 e 2005. A editorial desqualificou a edição espanhola e a portuguesa sim, segue funcionando, e a italiana também e agora a grega. Surgiu a ideia de atualizar o livro e editorialmente não teria sentido e tampouco queria a editora, acrescentar uma quarta parte a este livro (*Depois do Movimento Moderno*), porque ficaria muito grande e pouco econômico porque, pelo menos na Espanha, se passa de 20 euros, é mais difícil vender.

Então chegamos a este pacto de fazer um livrinho que está muito condicionado a páginas de fotos que fosse a continuação deste.

Então, o título, eu poderia argumentar, mas já te digo que o título é um pouco incerto, mas tudo bem, é possível argumentar que é mais a condição contemporânea, é mais a sociedade, o pensamento, as posições que tomam os seres humanos, a cidade, com relação à arquitetura. Portanto, como meu título era *A Condição Contemporânea da Arquitetura (1990-2015)*, já se via que era arquitetura contemporânea. Ao desaparecer as datas, que os editores não quiseram porque consideram que o livro está antiquado se se coloca 2015 em 2016 ou 2017... Então desapareceu, mas de fato a *Condição Contemporânea da Arquitetura 1990-2015*, então claro, a

* O áudio da entrevista está disponível em: <https://soundcloud.com/periodicosfmu-fiamfaam/insitu-entrevista-com-o-arquiteto-josep-maria-montaner>

** E-mails para contato: antonio.s.junior@fiamfaam.br, sergio.abrahao@fiamfaam.br e renatacoradin@fiamfaam.br

Condição Contemporânea porque está relacionada com a filosofia, com a ciência, bom, com o que tenho escrito, como acontece neste livro e em outros que fiz. Esta seria a justificativa, mas já te digo que é um pouco casual porque também tem a ver com o fato de terem desaparecido as datas.

InSitu: No seu livro *Arquitetura e Política*, publicado no Brasil em 2011, você parte da consideração de que mais que a técnica, o urbanismo é uma dimensão importante da política, não é isso? Você poderia falar um pouco mais sobre esta questão?

J. M. Montaner: Não, claro, este livro é resultado de um processo porque Zaida fez sua tese de doutorado bastante nesta linha sobre a Arquitetura da Cidade Global

Zaida Muxí: que foi um livro também editado pela Gustavo Gili, que depois foi reeditado pela Nobuko, em Buenos Aires e era um pouco esta linha de ver que por trás de um urbanismo..., isso era em Buenos Aires - Buenos Aires final da década de 1990, início de 2000, neoliberal, onde as transformações da cidade, as maneiras de fazer cidade eram muito visíveis pelo menos desde fora, porque de dentro, não se via assim. E a partir desta tese, e de uma matéria optativa que fizemos juntos, podemos ver como a arquitetura e o urbanismo têm uma dimensão política; que não há soluções ingênuas ou neutras e era tentar contar uma história da arquitetura e do urbanismo a partir... contando as bases políticas a partir das quais se faz arquitetura e urbanismo que não é igual.

Então o livro tem uma parte muito crítica, muito negativa em um ponto, que também tinha minha tese, ainda que ao final abria algumas portas para que no futuro a participação, a acessibilidade e o gênero - feminismo - poderiam fazer mudanças na maneira de fazer com que nos aproximássemos a uma cidade, a uma arquitetura mais humana. Então o livro também tem uma parte final, ou na metade, que conta experiências que podemos considerar bem-sucedidas neste aspecto, ainda que também tudo seja relativo. Toda experiência bem-sucedida infelizmente também pode se tornar uma experiência neoliberal, negativa, um pouco como disse aqui Manuel Delgado, né?! Que o poder, o poder mercantil, o poder econômico, em seguida se faz com as ferramentas da antiglobalização, da alternativa, em seguida consome e transforma em consumo as próprias alternativas, então temos que estar sempre reinventando.

InSitu: A impressão é a de que há uma responsabilização dos arquitetos e urbanistas e o futuro da condução das coisas na cidade, no país, etc. e que é muito difícil quando se vive em um capitalismo, como o nosso, que é muito forte, muito difícil de se movimentar, tomar decisões, etc, etc... então não seria muito forte colocar a responsabilidade de mudar a sociedade sobre os arquitetos e urbanistas? Porque, qual é a força que nós temos individualmente de fazer essas transformações?

Zaida Muxí: Não individualmente e também isso surge como um curso acadêmico e também entendemos que, como professores de uma universidade pública, temos a responsabilidade de transmitir aos estudantes a responsabilidade de que como arquitetos, terão, não sozinhos, mas com outros autores da sociedade, da política, mas que não, tampouco, podemos como se estava

ensinando, como se ensina maioritariamente nas universidades, que nossa profissão não tem nenhuma responsabilidade, não! Temos muitas! Não podemos mudar tudo, claro! E que um bom urbanismo não garante nada por si só, claro, mas que quando nós traçamos uma linha ou organizamos um planejamento, temos muita responsabilidade e afetaremos a vida de muitas pessoas, ser consciente disso!

InSitu: Pelo bem ou pelo mal.

Zaida Muxí: Sim, claro!

J.M. Montaner: Tenho uma questão, bom... o que disse Zaida, de que além de que é um texto no qual estivemos trabalhando num curso que já foi dado 6 ou 7 vezes, ou mais...

Zaida Muxí: mais, sim 8!

J.M. Montaner: E que, além disso, era uma disciplina optativa, mas que na escola de arquitetura de Barcelona tem muita influência porque todos os estudantes são mais inquietos, a partir de distintas posições, somado a este curso, foram seguidos por coletivos (grupos, associações), iniciativas, viagens, projetos, estivemos dividindo esta responsabilidade e muitas pessoas assumiram. Isso é uma coisa, outra é que também é uma posição no pensamento político à esquerda, há muitas posições, mas sobretudo, há sempre duas em dialética, uma que é a que está aqui (no livro), ainda que mais crítica, que considera que sim, que é possível intervir no estado do capitalismo, do neoliberalismo, etc. e que não se pode esperar a revolução para resolver os problemas; e logo há outra posição com a qual convivemos também, que é a da extrema esquerda radical, que sempre está dizendo que não, que o liberalismo, que faça o que faça, digamos... atrás do livro o que acontece com as vanguardas, há umas vanguardas muito ilícitas, muito autodestrutivas e há outras, digamos, que como Alberto Bret (?)¹ ou Benjamin que pensam: não não não, sim que é possível fazer avanços, ou seja, estaríamos nesta posição. Há possibilidades na política, não?! Por mais que estejamos em um sistema.

Logo temos este livro, foi quando eu estive colaborando com Ada Colau² e com toda a equipe, uma equipe fundadora em Barcelona, outras pessoas... eu e a Zaida participamos da campanha, um ano, etc. Nunca pensando que entraríamos na política, pois não somos políticos. Mas bom, quando o grupo e sobretudo Ada Colau pediu primeiramente a mim e, em seguida, Núria³ pediu a ela (Zaida), Nuria é uma prefeita socialista, está muito reconhecida, muito “de moda”, etc. (risos) a que quer reformar o Partido Socialista Catalão, claro, quando me disseram, eu pensei no livro, no curso, etc. e pensei, não posso dizer que não a Ada Colau, isto é, porque teria sido muito incoerente, claro! Foi todo um esforço, uma mudança, etc., mas escrevi este livro, estive dando aulas... tenho que me incorporar na política, tenho uma certa responsabilidade que estive transmitindo que terei que assumir eu mesmo.

¹ Inaudível.

² Ada Colau é prefeita de Barcelona (<http://ajuntament.barcelona.cat/es/>)

³ Núria Parlón é prefeita de uma cidade na região metropolitana de Barcelona que se chama Santa Coloma de Gramenet (http://www.gramenet.cat/inici/?no_cache=1)

Zaida Muxí: e comigo o mesmo, ela (Núria Parlón) me telefonou e me disse: Quer vir trabalhar comigo? E também, sem nos conhecer...

InSitu: Quando passamos à instituição, as coisas são bem diferentes, né?!?!?! Trabalhar na prefeitura... é muito difícil...

Núria Parlón: Sim, é complicado porque a gestão da cidadania exige dois níveis de gestão, tem duas dimensões: a do dia-a-dia que além de tudo é cada vez mais exigente, porque adquirimos dimensões de bem-estar (status social) que são altas e, portanto, o impacto da crise, para as pessoas é difícil entender, ao menos mudar seu parâmetro de demanda à administração pública; e por outro lado há cidades como é o caso da nossa, Santa Coloma que vem de uns déficits históricos importantes, que seguem requerendo investimentos intensivos, sobretudo em determinadas zonas para poderem ser melhoradas.

Então claro, eu penso que é muito importante a incorporação, nas equipes políticas, de grupos de pessoas que estão no mundo acadêmico, mas que além disso, estão no mundo acadêmico com os pés no chão, que têm vontade de transformar esta realidade que é certo... por sorte, tivemos épocas de bonança econômica que, apesar dos erros que foram cometidos a partir do ponto de vista da planificação urbanística, e foram cometidos muitos, permitiram que as cidades estivessem fortes, ou seja, resistentes para enfrentar situações como as atuais, mas também é certo que temos um risco de consolidação da pobreza ou das desigualdades em nossa estrutura social. Isso não podemos deixar de lado!

Zaida Muxí: Sim, claro, mas é muito forte em toda Europa a ruptura do estado de estar e bem-estar, a dualização e pouca atividade e responsabilidade dos governos supranacionais e nacionais e toda a responsabilidade, sobre as cidades, com poucos mecanismos e cada vez menos mecanismos de atuação, mas que por sorte, diferentemente da América Latina, estes últimos anos de bonança, no caso da Espanha, que estava muito atrás de toda a Europa, foram feitas muitas coisas que permitem que, de momento, a crise não seja tão extrema, não?!?! A dualização que existe... todavia há um estado de bem-estar, uma cidade que pode suportar, não?!?! Que infelizmente, na América Latina isso aconteceu entre os anos 40 e 60, a construção deste Estado, e desde então aqui, não se tem sido capaz, nem nos momentos melhores, de dar a volta na dualização, na segregação, na desigualdade... penso que tem sido uma pena estes 15 anos na América Latina, que possivelmente a desigualdade era demasiada para dar a volta ainda que em 15 anos.

InSitu: Nosso passivo social é muito forte, muito grande!

Zaida Muxí: O problema é que a forma como querem montar o mundo se baseia nesta segregação, algo terrível! Ou seja, esta ideia econômica neoliberal das sociedades, que se baseia na grande desigualdade e que os que têm algo se fecham para defender o próprio sem pensar no comum.

J. M. Montaner: Núria havia dito duas coisas e que deveria completar o argumento, uma é que a política é resolver o urgente, mas disse que ao mesmo tempo é planificar...

Núria Parlón: Sim, resolver o imediato, o contingente, mas ao mesmo tempo planificar para fomentar aquilo que se possa planificar no futuro. Quero dizer, nós agora experimentamos uma desigualdade que começa a ser preocupante, sobretudo em termos dos coletivos, que são os vulneráveis; os que não podem incorporar-se facilmente ao mercado de trabalho; os que se incorporam ao mercado de trabalho, mas sob condições de precariedade; portanto, não podem ter um nível de vida com os *standards* sociais de bem-estar atendidos. É verdade que, como comentava Zaida, nós temos estruturas de bem-estar fortes e potentes que ainda dá coberturas importantes em educação pública; saúde e serviços básicos, mas também é certo que o investimento constante, ao longo dos anos, tem sido reduzido e isso impacta sobre a realidade. A partir do mundo local, que é o lugar onde estamos podemos gerir esta realidade imediata, através, eu creio, da complementariedade entre o mundo acadêmico e o mundo político, há aí vasos comunicantes que são muito importantes, sobretudo que as novas ofertas de arquitetos e arquitetas saiam imbuídos desta filosofia e que eles transformem esta realidade, ajudem a fazê-la mais igualitária e que também os responsáveis políticos, ao menos nós que estamos no dia a dia com os problemas da população, tenhamos essa capacidade de planificar as cidades com esses objetivos a médio e longo prazo, que para nós é fundamental, porque senão, ficamos prisioneiros de um urbanismo as vezes.... que é o que aconteceu nas cidades da área metropolitana imitando as grandes cidades, todo mundo tinha que ter um grande *skyline*, com os custos que se supunha, isto é, em lugar de ter tantos edifícios singulares muito custosos do ponto de vista econômico, havia outros investimentos que deveriam ter sido feitos, como o equilíbrio entre os bairros; evitar que houvesse cidades com primeiras e segundas velocidades; que nos tem que servir essa experiência para aprendermos, não?! Para o futuro!

InSitu: É que nos parece que durante o período de 80, 70, 80, 90 como a Espanha crescia economicamente, os planos e projetos que foram implantados eram segregadores, não?!

Zaida Muxí: Há um pouco de tudo.

InSitu: Há algumas leituras, por exemplo, Manuel Delgado que é um forte opositor dos...

Zaida Muxí: Sim, mas ele estaria neste extremo que disse Josep Maria, para Manuel Delgado não há possibilidades, apenas a revolução. E tampouco é correto.

Eu creio que Espanha, ou Catalunya antes que Espanha, 2008, levamos 8 anos de crise muito forte com 50% de desemprego juvenil com 20% ou 25% de desemprego, gente sem trabalho, se não tivesse havido investimento, se as transformações das cidades espanholas não tivessem sido feitas, em parte com um bom sentido de redistribuição, hoje nossas cidades, especialmente a cidade em que estamos nós (Zaida e Núria) ou o distrito dirigido por Josep Maria (San Martí) em Barcelona, que é um dos distritos mais pobres, estariam ardendo como França, e não ardem! Não ardem porque houve investimento que dá suporte, eu creio que isso é o importante.

Sem falar que, por aí devem estar pensando, os PAUS⁴ de Madrid, os PAUS de Valência, certos crescimentos, o Fórum 2004 de Barcelona, o excesso de mudanças de uso na Cidade Velha em Barcelona pelo turismo, como dizia Núria, a presença de... fazer equipamentos muito caros em toda a cidade, porque todas têm que ter, ocorreu certa parte desta programação que foi infeliz, desigual... não tinha sentido, foi pura especulação, que gerou muito mal-estar, mas existiu a outra parte. Sem esta outra parte, nossas cidades estariam ardendo e numa sociedade com 50% dos jovens sem trabalho, sem futuro, com um 20% ou 25% de desemprego, sem trabalho em geral, as cidades são seguras, por exemplo. Então, temos que entender porque ainda não quebrou, não?! Se fosse por Europa ou pela Espanha, estaríamos quebrados, mas ainda não estamos quebrados, porque houve este investimento no social, no público, que é importante.

J.M. Montaner: E também porque há este conceito de gentrificação e identificação, claro as culturas latinas em nossas cidades, digamos, se pode produzir, logicamente pode haver guetos, se pode gentrificar, pode haver zonas que se transformam e que se substitui a classe social, não dizemos que isso não pode acontecer, mas são culturas em que há muita mescla social, não há bairros muito pobres e outros muito ricos, há bastante mesclas, ainda que seja certo que há alguns abismos, mas não, como nos países anglo-americanos, que sim, que são bairros muito segregados. O que acontece em Santa Coloma é que aí há diferenças, há bastante mesclas, há muitos edifícios sociais que atendem às pessoas, e logo também há muita ajuda de familiares e solidariedade, as pessoas mais velhas que fazem comida para as pessoas que não têm, gente que atende aos imigrantes, aos sem teto, é uma sociedade muito colaborativas, mas ao mesmo tempo não há muita segregação social porque há muita mescla social nos bairros.

Zaida Muxí: E creio que são solidários não porque sejam um país diferente dos outros, isso também influi na forma das cidades, essas cidades que estão mescladas, onde o pobre não é um que vivem em um bairro que não se vê, o pobre é seu vizinho de porta, porque vive no mesmo andar, um pobre e um que não está tão pobre, então tem havido muitas redes de solidariedade nos mesmos bairros, porque um conhece ou outro que está “passando mal” (necessitado).

InSitu: É seu vizinho, não é um desconhecido afastado, né!

Zaida Muxí: Isso tem a ver com um modelo de cidade que manteve a mescla, que não tem gerado guetos, com algumas exceções de bairros, especialmente os mais ricos, mas bairros mais ricos que são transitáveis e que a classe média; média alta; média-baixa; baixa, convivem nos espaços.

Núria Parlón: O padrão da crise econômica, eu creio que também tem ajudado a reconduzir situações de risco que poderiam andar na linha da gentrificação de determinados bairros, por exemplo, no nosso caso, no Raval, sim que houve um processo de transformação urbana que de certa forma melhorava o que as pessoas viam, por exemplo, você chega a Santa Coloma, por diferentes entradas e foram feitos investimentos importantes para melhorar, sobretudo em

⁴ Planos de Atuações Urbanísticas.

edifícios de habitação, novos e bonitos que tampavam de certa forma a habitação degradada que havia na parte de trás da cidade. Claro, as pessoas que vivem nessas casas, ainda que seja verdade que tampouco há grande diferença, podemos dizer de nível de renda ou familiar, que é distinta naquele bairro, sim que vêm com um nível de exigência com o qual, quando se chocam com a realidade que há atrás destes edifícios, quero dizer, as pessoas que vivem em condições de pobreza, as pessoas que têm vindo em situações de imigração, situações irregulares, se sentem incomodados, porque pagaram dinheiro por uma casa com determinadas características que acontecem nestes bairros, que a administração pública resolva!

Eu acredito que a crise pagou um pouco a dinâmica de que habitação pública de qualidade em determinados bairros, sem que em paralelo se faça outros tipos de intervenções de caráter comunitário, nos há ajudado a poder reconduzir com certa facilidade. Por exemplo, não é como Raval, que é uma zona da nossa cidade onde vivem pessoas com menor nível de renda, que é um bairro que acumula maiores déficits de nível urbanísticos, tipos de habitação ou de ocupação, ocupações que acontecem assim que apartamentos são desapropriados pelos bancos, ficam vazios e acontece uma espécie de negócio subalterno, nessas habitações que são alugadas e realugadas, uma situação muito complexa que para ser cruzada com uma nova realidade de transformação requer muito investimento social, um investimento comunitário, ou um tecido associativo forte, por exemplo, relacionado com temas de caráter social, intervenção com a infância, o que chamamos de Centros Abertos, que acolhem meninos e meninas destes bairros e normalizam suas rotinas habituais de ir à escola, fazer as lições de casa, porque, claro, são situações que, ainda que a cidade seja muito compacta, somos muito compactos, vivemos 120 mil em 4,5 Km², sim que é verdade que há alguns riscos que devem ser evitados precisamente com essa inclusão social.

InSitu: Vocês se referem ao Raval de Barcelona?

Zaida Muxí e Núria Parlón: Não, o Raval de Santa Coloma.

Zaida Muxí: (sobre Raval de Barcelona) São bairros que têm a mesma origem, Raval significa bairros de fora da cidade histórica e que, em geral, são onde se acumularam as deficiências urbanísticas, arquitetônicas e históricas e, portanto, são classes sociais com mais dificuldades e ainda que sejam em diferentes tecidos, esses bairros costumam ter os mesmos problemas.

InSitu: Uma curiosidade: a questão dos refugiados na Europa, a gente recebe muita notícia do caos que tem sido, a Espanha tem sido afetada também?

J.M. Montaner: O governo espanhol não tem aceitado... as cidades sim, como Santa Coloma, Barcelona, Madrid, as cidades tomaram iniciativa e se prepararam para receber refugiados, pouquíssimos porque o Estado não quer, a Generalitat de Catalunya quer um pouco, mas tentou intervir em suas competências, e as cidades, claro que as cidades podem absorver 1.000, 2.000, cada cidade pode absorver um número, não?!?! Mas o Estado Espanhol não deixa, além disso, digamos que há este contexto tão reacionário em toda Europa.

InSitu: Vamos fazer uma pergunta na qual citamos novamente Manuel Delgado. A partir dos anos 70 os espaços públicos foram interpretados por uma série de urbanistas como antídotos, as mazelas do urbanismo funcionalista. Os urbanistas funcionalistas estavam fazendo muitas coisas nas cidades e um grupo de arquitetos...

Nas décadas seguintes, aos espaços públicos foram transpostos atributos que passaram a identificá-los com cidadania e civilidade, um discurso ideológico, segundo Manuel Delgado, para disfarçar o processo de dominação de parte do território por nossas elites. As insurgências populares dos últimos anos, que temos assistido dos espaços públicos de nossas cidades, colocam, ao seu ver, a questão do processo de dominação? O que queremos dizer é: as insurgências populares nos espaços públicos estão colocando em questão ou em discussão o processo de dominação ao qual se refere Manuel Delgado? O que creem? Porque, em Madrid, em Espanha houve insurgências.

Zaida Muxí: Em primeiro lugar, a afirmação extrema de Manuel Delgado de que toda transformação é dominação, o espaço público melhorado é outra ferramenta de distribuição através do urbanismo, que é verdade que ocorreram certas transformações do espaço público, sobretudo ao longo do tempo em que foram sendo excluídos certos coletivos e certas atividades do espaço público, mas afinal o espaço público também, como mostra o uso a partir das insurgências, os usos podem ser transformados, por mais que se projete de uma maneira, as pessoas se apropriam. Certamente porque, por mais que você queira que aconteça algo nos espaços públicos, as pessoas podem fazer outra, não?!?!? Então creio que não é tão ideológico como diz Manuel Delgado, um espaço público de qualidade onde os pedestres, os idosos e as crianças possam ir. Prefiro isso, por muita ideologia, que segundo ele há por trás disso, prefiro isso que uma avenida onde os carros têm prioridade, também há ideologia aí, não?!?! Então Manuel Delgado deixaria que isso se explodisse e então teríamos que nos enfrentar, mas aí certamente perderíamos, os mais frágeis, a população. Eu creio que o espaço tem sido “tomado” e Barcelona é um exemplo de tomadas contínuas dos espaços públicos.

InSitu: Pensamos que os espaços públicos dos projetos urbanos de Barcelona, de Argentina, como o Porto Madero...

Zaida Muxí: Este não é um espaço público! (Risos)

InSitu: Sim, há um investimento naquele espaço, há tratamentos...

Zaida Muxí: Sim, uma apropriação do dinheiro público, para os mais ricos...

InSitu: O Porto Maravilha no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro tem problemas gravíssimos, porque enquanto se fazem investimentos imensos, na saúde, há corrupção. Não há dinheiro para atendimento dos mais pobres.

InSitu: Há um artigo recente, falando exatamente disso: que ao mesmo tempo que a cidade, o Rio, gastou 39 bilhões de reais para fazer a preparação para as Olimpíadas, o sistema de saúde está falido, os aposentados vão receber com atraso seus salários, os funcionários públicos...

Zaida Muxí: A opção urbanística do Rio tem sido um desastre, já se sabia disso desde antes. Desde que ganharam o impulso de levar todo o investimento ao sul, à Barra da Tijuca, um metrô que vai à zona rica e não à zona norte, ao invés de esgoto ao norte...bom... a intervenção no Rio tem sido claramente uma intervenção para a especulação do que já funciona, não foi com a intenção de melhorar ou equilibrar um pouco a cidade. E o Porto Maravilha se encontra em um momento como opção para tentar impactar positivamente o centro da cidade, alguma coisa será melhorada, mas tampouco se fez o que se planejava. Eu creio que não....

E colocar como emblemático Porto Madero ou o Fórum de 2004 em Barcelona, é um erro, esses não são espaços públicos. Há sim um espaço público como espetáculo da globalização, um espaço que ninguém usa... (risos)

J. M. Montaner: Claro, com relação ao que disse Manuel Delgado, tem razão apenas muito parcialmente em alguns casos, quero dizer, que o espaço público é um lugar de conflito, de competência, de distintas classes ou culturas que pressionam sobre ele, isto está claro, e os privados que colocam suas varandas e as “bandas” que os dominam. Isto está claro. Digo que há uma agitação. Digamos... e também é verdade que há havido um certo discurso ideológico de colocar o espaço público como uma espécie de panaceia, nisso tem um pouco de razão, mas claro, na maior parte dos casos, não funciona assim e é verdade que alguns arquitetos e urbanistas desenham os espaços públicos mais de domínio, ou que estão mais pensados para uma determinada classe que para outra. Mas claro, logo a realidade é muito mais complexa, porque o espaço público muitas vezes já existe, se transforma, também depende se há havido mais ou menos participação, porque de fato, nos últimos anos, ocorreram muito processos participativos e os resultados foram resultados híbridos do que seria projetado e o que queriam os vizinhos. No final das contas, é caso a caso, por exemplo, um caso que é muito importante em Barcelona, que é o da Mina. A Mina é um bairro popular dos “polígonos”, as habitações racionalistas dos anos 1960, que está em um município ao lado de Barcelona, mas cabe à Barcelona, por exemplo, aí há um problema de espaço público, uma das coisas mais graves é que se degradou e não tem um lugar representativo e na rambla mais representativa, passa um “tramvia” e há muitas habitações vazias, com o que seja, uma “comisaria”(poderia ser uma comisaria de policia), que acaba não funcionando e há a dominação do espaço público pelas máfias da droga.

Digamos, é um problema, mas claro, cabe analisar empiricamente caso a caso e, igualmente, descobrir se há conflitos. Podemos analisá-lo a partir da posição de Manuel Delgado que é, em parte, de um prejuízo /preconceito.

Zaida Muxí: Somos amigos, einh! (risos)

InSitu: Uma última questão, que é uma questão de gênero, porque a cada ano a profissão de urbanista e arquiteto parece se tornar mais e mais feminina, pelo menos no Brasil, isto é, contamos com mais mulheres do que homens no mercado de trabalho, nossas salas de aula são majoritariamente ocupadas por mulheres, poucos homens que fazem arquitetura. No entanto, esta proporção que sentimos aqui no Brasil, não se verifica quando observamos o número de arquitetas e urbanistas em evidência com relação aos homens que ainda é muito maior. Como associar esta desproporção com a questão específica de gênero?

Zaida Muxí: É que é resultado de uma invisibilização (sic) de gênero, as mulheres, primeiramente na América Latina, na Argentina ou no Brasil, fazem muitos anos que as mulheres somam... eu estive nos anos 80 na Argentina (estudando) e já nos 1980, metade das salas eram mulheres e homens, já na Espanha, em Barcelona, recentemente nos anos 2000, metade das salas são homens e metade mulheres e agora também. Mas América Latina tem arquitetas, Brasil desde os anos 1930, Argentina também, Barcelona 1966, a primeira mulher arquiteta, ou seja, vendo essa trajetória em Latino-américa, não é de agora. Agora também há mais mulheres porque há muitas mulheres que estudam e isso é outro tema, mas o que acontece atualmente e digamos, minha geração, cinquenta anos, quantas arquitetas são reconhecidas no Brasil quando já eram a metade das estudantes? Poucas! Isso porque: primeiro, porque a sociedade não está preparada e não concilia a associação do mundo profissional, a família e o trabalho fora de casa, isso é, as mulheres, ainda hoje, são as maiores responsáveis pelo cuidado da família; logo a cidade, as formas da cidade, as dimensões das cidades, tampouco favorecem, não?! Se temos habitações por um lado, escolas, trabalho, é difícil poder cuidar da família e se mover tanto. E depois, também existe um preconceito de gênero, ou seja, que as mulheres não aparecem nos livros, porque se pressupõe que uma mulher não é tão confiável como um homem, na técnica, e segue aparecendo assim, ainda que também não apenas são a maioria de mulheres, mas que também são as notas mais altas nas universidades, mas isso não se reflete nas bolsas e tampouco se reflete na estrutura docente.

InSitu: Isso é o que íamos comentar, na estrutura docente acho que....

Zaida Muxí: Tampouco! Tampouco e ainda no Brasil ou na América Latina há um pouco mais de professoras que na Europa, por exemplo, em Frankfurt, Franziska (Ullmann) uma das arquitetas convidadas para o Congresso, era a única professora da Escola de Stuttgart até o ano passado, era a única mulher professora!

Ou seja, há aí um problema, a sociedade não se encarga (sic) de repartir, como sociedade, a reprodução social. E isso segue caindo na mulher. Com isso, os anos que são importantes para se fortalecer em uma profissão, são os anos em que a criação (dos filhos) também toma mais tempo, portanto, quando chegam à idade dos 50 anos, os homens podem ter tido filhos, mas alcançam um determinado nível de avanço profissional e uma mulher, se teve filhos, teve que diminuir o desenvolvimento profissional, de fato, nos Estados Unidos, estão aparecendo agora muitas mulheres de 50 e 60 anos que começam a ser diretoras de universidades, terem cargos

de importância, porque? Porque já educaram, já são livres, muitas vezes são divorciadas e agora é o momento, mas isso é muito difícil.

E a construção da história tem invisibilizado (sic) as contribuições das mulheres para a arquitetura.

InSitu: Bom, na política também....

Zaida Muxí: sim, claro! E como se trata diferentemente a uma política mulher que a um político homem. As coisas que são ditas a uma política mulher em Espanha... é que...bom e aqui também, né?!?!? Se julga outras coisas e não suas habilidades.

Núria Parlón: Sim, é assim mesmo, em qualquer setor de profissionalização e de imagem exterior da mulher incorporada a uma vida social, sempre jogamos com essa desvantagem. Não há uma valorização real do protagonismo das mulheres. Isso custa muitíssimo. Sim que é verdade que as últimas eleições em Catalunya há levado muitas mulheres ao cargo de prefeitas e Barcelona é um exemplo, Madrid, na Espanha, também é um exemplo. É verdade que ainda há um longo caminho, um pouco o que dizia Zaida, as considerações que se costuma fazer de como se considera que uma mulher deveria conduzir uma liderança, como se valoriza a atitude autoritária de um líder masculino e como se reprova quando, por exemplo, é tomada por uma mulher, as mulheres não são reconhecidas por terem atitudes autoritárias no exercício da responsabilidade ou do “poder”, entretanto nos vestem toda uma áurea, há uma presença totalmente “naif” (sensibilidade, ingenuidade) ou dócil nos meios de comunicação, uma construção de gênero muito potente e que nos tira espaço de protagonismo em qualquer situação de ação pública.

Zaida Muxí: Se pensa por exemplo em Zaha Hadid, que morreu outro dia, como era tratada, independentemente se gostamos ou não de sua arquitetura, ela era como um Jean Nouvel, como um Calatrava, ou qualquer um destes que alcançaram um estrelato. Entretanto as apreciações com relação a ela sempre estiveram somadas ao fato de que era mulher, de seu aspecto físico, ou se era muito mandona, ou a maneira como ela exercia o poder. Mas claro, a eles isso não é questionado. Mas também se questiona se é muito doce, porque tampouco pode. Ou seja, qualquer posição que toma uma mulher, é questionada!

J.M. Montaner: Sim, a exigência é muito maior. Também tem o fato de ter modelos, nos relatos, na história, em geral são homens, ainda que tenham ocorrido avanços, as mulheres voltam a estar “tampadas” invisibilizado (sic), quando não há modelos de prefeitas, cientistas, engenheiras, arquitetas, etc. Dessa forma, custa muito que possam, nestes campos, poderem aparecer e terem seu papel. Em Barcelona há havido cento e tantos prefeitos e agora uma prefeita, aparecem meninas que dizem que querem ser prefeitas.

Zaida Muxí: A Nuria também dizem o mesmo... quando perguntam a uma menina: Que quer ser quando crescer? Prefeita!

Claro, isso é uma mudança!

InSitu: Gostaria de um esclarecimento sobre a metodologia dos livros. Sobre a periodização, a sistematização. Como foi que você fez a sistematização dentro de cada período?

No Brasil, por exemplo, há um movimento muito forte do Moderno, Paulo Medes da Rocha, Le Corbusier, Lina Bo Bardi, mas neste livro, num período mais forte deste movimento, em São Paulo e no Rio de Janeiro, sobretudo, há muitos poucos e foi um movimento que extravasou os limites do país, não?! É uma curiosidade, uma questão de método para mim.

J.M. Montaner: Sim, claro. Uma coisa é o método, a parte de todas as leituras e os tratados, claro, me influenciou muito Ignácio de Solà Morales com quem trabalhei durante 25 anos, que havia estudado filosofia, então te ensinava a ler as linhas subterrâneas do pensamento. E depois, também dei aulas com Ruy Landau (?)⁵ em Londres e logo as aulas de composição arquitetônica são questões metodológicas que te fazem ver por trás da diversidade, bom, um pouco o estruturalismo, não?!?!? Que detrás das variedades te fazem ver que há umas linhas de posição, de pensamento, etc. que podem ser encontradas. É o que sai aqui, neste como método, e como método, creio que tenho ido me aperfeiçoando, mas é o mesmo. A diferença é, claro, quando fiz este livro.

Em um livro de Benévolo me encargaram (sic) com um capítulo de Latino América e eu nunca tinha estado na América Latina, li muito e escrevi algo que... bom, correto.

Então comecei a ir a América Latina, viajei umas 100 vezes, não sei....

E aqui o mesmo, a maioria dos exemplos que há aqui (Depois do Movimento Moderno), alguns fui visitar, mas muitos eu não tinha visto. Por outro lado, todos os que estão aqui (A Condição Contemporânea da Arquitetura), eu vi!

InSitu: E a própria divulgação da arquitetura aqui, há um hiato. Ela foi muito divulgada nos anos do pós-guerra, anos 40 - 60, depois até Brasília, depois até os anos 80 a nossa produção desaparece. Nossa produção caiu, obviamente.

J.M. Montaner: Claro! Eu reconheço que *Latino America* aqui (Depois do Movimento Moderno) sai pouco e por exemplo, Rogério Salmons não sai e logo, ao ir a Bogotá vi que era muito bom, Lina Bo Bardi sai muito pouco, para mim foi importante. Claro, fui aprendendo, com os anos, a viajar e ver a obra.

Neste último livro, com Zaida, fomos ao Japão, Hong Kong... fizemos viagens especiais para ver as obras.

Zaida Muxí: comenta que não sai da data original no livro *Depois do Movimento Moderno*, que foi 1993, porque isso interfere no conhecimento.

J.M. Montaner: a historiografia brasileira também transmitiu isso, que o melhor período foi dos 40 aos 50 até Brasília e que logo houve uma decadência. Na qual não encaixa Paulo Mendes da

⁵ Inaudível.

Rocha, Lina Bo Bardi e nenhuma outra arquitetura brasileira que não seja inclusive nem Rio, nem São Paulo, não?!

InSitu: neste bairro (Higienópolis) há exemplares magníficos da arquitetura moderna, de Rino Levi....

J.M. Montaner: Claro! Realmente não há essa decadência, mas a historiografia brasileira tentou, impulsionada pela norte-americana e pela europeia construir um período heroico do Brasil. Mas tampouco há uma diferença qualitativa tão grande antes e depois de Brasília, não?!

Claro, Ruth Verde (Zein) e outros têm demonstrado que também há arquitetura de muito valor, mais diversa e dispersa, mas claro, é um esquema que também herdamos na Europa, claro! Aqui (Depois do Movimento Moderno) se fala pouco do Brasil, mas claro, só se via a Niemeyer, Lucio Costa, os que chegavam, não?!

InSitu: E mesmo aqui, quando pensamos como estudantes, há alguns anos atrás, muitas coisas só descobríamos se tivéssemos interesse, como os estrangeiros que, fugindo da guerra, vieram pra cá. A Escola Carioca se destacava, mas era um mercado relativamente restrito, por exemplo, vieram pra São Paulo vários arquitetos europeus e os próprios arquitetos paulistas fechavam o mercado para eles, não?! Então eles tiveram uma produção que só agora está sendo descoberta por meio de pesquisas acadêmicas, teses... por exemplo Lucjan Korngold; Daniele Calabi; Adolf Franz Heep, Jacques Pilon que veio um pouco antes da guerra, cujo escritório abrigou muitos arquitetos europeus. Todos esses personagens também acabaram fora do domínio de um Artigas, de um Rino Levi....

Zaida Muxí: A construção da historiografia, como dissemos antes, tirou as mulheres, mas também excluiu muita gente. A historiografia se construiu com base em uns poucos heróis masculinos e não pôde haver outros. Em Barcelona, uma história muito pequena, local, Bohigas constrói uma história da arquitetura Catalã que tem umas linhas e deixa fora a pessoas que estavam a seu lado, que não interessava a ele e essa é a história catalã. Mas agora, creio que em parte a pós-modernidade, entendida. Eu gosto de entender que é a da diversidade, é a que permite a aparição de homens e mulheres, onde não há um único responsável pela construção da cidade, então creio que as teses de doutorado mais atuais permitirão reler este passado tão perfeito, como muito mais diverso, mais interessante também. É outro momento da historiografia, também.